

VIENEN POR MÍ: REINVENTAR O ATO DE FALA

Por Julia Guimarães¹

“Sobre o que temos que falar, nós, as travestis?”. Esta é a pergunta que atravessa do início ao fim o espetáculo *Vienen por mí*. Concebido e performado pela artista trans Fábria Mirassos (SP), o trabalho funciona como uma provocação à plateia, relacionada ao ato de subverter aquilo que se espera encontrar no relato de uma travesti. Com texto da chilena Claudia Rodriguez e direção de Janaina Leite, a montagem, que foi apresentada no último sábado (9), durante o 37º Festivale, problematiza as relações entre identidade, imaginação e preconceito, ao valorizar a existência como indeterminação e multiplicidade.

A problemática levantada em *Vienen por Mí* é uma das mais relevantes ao momento atual, no qual a busca por representatividade nos mais diversos espaços da sociedade brasileira tem crescido e avançado. No entanto, uma das armadilhas mais frequentes relacionadas a esse tipo de demanda é justamente a de vir atrelada a uma cristalização identitária do grupo que a reivindica. Ou seja, que pessoas deste grupo apenas ajam e discutam aquilo que se espera delas como representantes de uma determinada coletividade.

Embora o texto de Claudia Rodriguez traga para o primeiro plano uma crítica à armadilha mencionada acima, é sobretudo por meio da performance de Fabia Mirassos que o espetáculo singulariza suas rupturas acerca daquilo que se “imagina” de uma travesti em cena. Não por acaso, a ação central da montagem diz respeito ao ato de cozinhar. O que vemos durante a apresentação é o preparo de uma salada de beterraba, cuja cor vai aos poucos tingindo as mãos da própria atriz.

¹ Crítica teatral, professora, pesquisadora e jornalista. É coeditora do site Horizonte da Cena (horizontedacena.com), pós-doutora em Artes Cênicas pela UFMG e concluiu seu doutorado na USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

A persona vivida por Mirassos relaciona-se com a plateia com o despojamento de quem, realmente, está na cozinha de casa. Com um vestido branco simples, ela nos recebe no espaço cênico compartilhando segredos das receitas culinárias que gosta de preparar. Esse tom de cumplicidade favorece, já nos primeiros minutos da peça, uma forte relação de empatia com a atriz, aspecto reforçado ainda por sua atuação cotidiana e pela construção carismática de sua presença. Ao trazer um assunto que diz respeito a qualquer pessoa ali, a performer (auxiliada pelo texto de Rodriguez) ajuda a desarmar o público, sobretudo aquele pouco familiarizado ao convívio com pessoas trans.

Por trás dessa aparente aleatoriedade, a conversa e o preparo da comida funcionam como estratégias cênicas favoráveis à adoção de uma *escuta empática* por parte da plateia. Portanto, o que vem a seguir já está emoldurado por essa espécie de abertura afetiva do público. Além disso, a imagem de uma mulher trans na cozinha serve ainda como metonímia para a própria aspiração da dramaturgia, no que tange à subversão dos lugares-comuns associados a essa identidade.

É somente depois desse “prólogo” que as questões mais diretamente relacionadas às vivências da personagem – como a experiência de ter transitado por distintos gêneros – ganham espaço na obra. No texto de Rodriguez, chama atenção o quanto a narradora é capaz de transformar o próprio ressentimento em narrativa poética, catártica e feroz; ou em fazer da denúncia da violência não a finalidade da obra, mas um meio, recurso necessário para que existências travestis possam ser vividas em sua plenitude.

A cada giro temático da obra, a iluminação de Aline Santini e a direção de arte de Renan Marcondes operam pequenas alterações a fim de sustentar o espaço de intimidade construído desde a cena inicial. É o caso por exemplo, da sequência em que a atriz narra as violências e contradições que perpassam as relações afetivas de uma pessoa trans. Nessa cena, Fábria Mirassos surge iluminada por uma única lâmpada, cujo efeito se assemelha à luz de um fósforo aceso.

Embora se estruture como um monólogo, *Vienen por mí* conta também, em sua encenação, com outras vozes. É o caso dos técnicos de luz e som, presentes em cena, responsáveis por descrever, da forma mais sóbria e crua possível, diferentes homicídios ocorridos com pessoas LGBTQIAP+. Nessas sequências, a luz intimista

projetada sobre Mirassos dá lugar a uma luz branca e fria presente na mesa dos técnicos, que ilumina também cartazes com fotos das vítimas. Apesar da relevância desse tipo de relato – basta dizer que a expectativa de vida de uma pessoa trans é de menos de 40 anos –, me pergunto se estas cenas, ao se construírem por contraste e distanciamento com os mecanismos de empatia explorados pela performer, de fato colaboram para que a plateia elabore a violência para além das estatísticas ou das notícias de jornal. Tenho a impressão de que a sobriedade estética nesse caso mais esvazia do que potencializa o aspecto crítico da obra, ao colocar-se no mesmo patamar das denúncias que já presenciamos fora do teatro.

Já as demais participações surgem por meio das vozes de outras artistas travestis, como Ave Terrena, Maria Leo Araruna, Renata Carvalho e a própria dramaturga Claudia Rodriguez. Por meio de algumas dessas vozes, escutamos narrativas que projetam sobre a subjetividade de pessoas trans justamente esse caráter de multiplicidade e indeterminação, citado no início deste texto, que parece estar no cerne das intenções discursivas de *Vienen por mí*.

“Eu quero falar sobre sucesso, da alegria e orgulho de ser uma travesti, eu quero narrativas positivas sobre travestis”; “eu quero uma história de amor para as travestis”; “nós temos que falar (...) sobre a guerra da Ucrânia”, “sobre filmes de super-herói”; “sobre... as nossas primeiras vezes!”. Em todos esses relatos, acerca do desejo de posicionar-se sobre temas os mais variados possíveis, o que aparece nas vozes em *off* é o próprio caráter coletivo dessa reivindicação. Nela, a defesa feita é para que as identidades travestis não funcionem como camisa-de-força à expressão da subjetividade, mas possam abrir-se ao infinito em suas possibilidades de performar a si mesma.

É a partir dessa perspectiva que tanto a artista Fabia Mirassos - com uma atuação que consegue ser simultaneamente delicada e avassaladora -, quanto a chilena Claudia Rodriguez logram, com *Vienen por Mí*, ampliar nossos imaginários sobre o que pode, o que deseja e o que diz uma travesti.